

Metodologia em ciência da religião¹

Steven Engler e Michael Stausberg

Este capítulo trata dos métodos e da metodologia, de uma maneira geral. **Métodos** de pesquisa são técnicas para reunir e analisar dados na pesquisa científica ou acadêmica. “**Metodologia**” refere tanto a questões técnicas gerais quanto a métodos (por ex., seleção de casos ou de amostras, coleção e análise de dados) quanto à teoria e à conceituação dos métodos. Neste pequeno espaço, não será possível tratar dos detalhes de métodos específicos, com a entrevista ou a observação participante. Existem algumas poucas obras clássicas e contemporâneas que tratam do assunto na ciência da religião.² E existem várias obras que tratam de tais detalhes na base de outras disciplinas acadêmicas.³

A negligência dos métodos na ciência da religião

As discussões dos métodos e da metodologia são raríssimas na ciência da religião, seja no Brasil ou no exterior, seja nas revistas acadêmicas, nos congressos, nos livros textos, ou nos programas que tratam desta área. Nisso a ciência da religião se distingue, de uma maneira até vergonhosa, das outras ciências humanas e sociais. Às vezes esta falta de atenção aos métodos é atribuída ao fato que a ciência da religião não tem um só método,

¹ Este capítulo é uma tradução resumida e revisada (por S. Engler) de M. Stausberg e S. Engler, “Introduction.”

² São poucos os livros de metodologia específicos à ciência da religião. O mais recente e o único em inglês é M. Stausberg e S. Engler (orgs.), *Handbook*. Em outras línguas existem os seguintes: em alemão, S. Kurth e Lehmann, K. (orgs.), *Religionen erforschen* e H. Knoblauch, *Qualitative Religionsforschung*; em dinamarquês, J.P. Sørensen, *Religionshistoriens kilder*; em sueco, J. Svensson e S. Arvidsson (orgs.), *Människor och makter*; e, em norueguês, S.-E. Kraft e R.J. Natvig, (orgs.), *Metode i religionsvitenskap*. Mais específica são A. Sharma, *Methodology* e T. Ahlbäck (org.), *Approaching religion*. Obras clássicas são H. Pinard de la Boullaye, *L'étude comparée* e Å. Hultkrantz, *Metodvägar*.

³ Por ex.: M.M. Andrade, *Introdução à metodologia*; M.W. Bauer e G. Gaskell (orgs.), *Pesquisa qualitativa*; H.R. Bernard, *Research Methods*; A. Bryman, *Social Research Methods*; M.T. Coutinho e S.E. Cunha, *Caminhos*; J.W. Creswell, *Research Design*; N.K. Denzin, Y.S. Lincoln, (orgs.) *The SAGE Handbook*; N.K. Denzin, Y.S. Lincoln, L.T. Smith (orgs.) *Handbook of Critical*; U. Flick, *Etnografia*; M.T.A. Freitas, *Fazer pesquisa*; D. Silverman, *A Very Short*; M. Thiollent, *Metodologia*.

e sim vários. Assim, é uma disciplina “pluri-metodológica.” Tem dois problemas com esta afirmação. Primeiro, todas as disciplinas nas ciências humanas e sociais são pluri-metodológicas; pois nenhuma tem um só método. Segundo, o fato de uma disciplina usar vários métodos é motivo para prestar mais atenção à metodologia, não menos.

Considerando a natureza da disciplina da ciência da religião, portanto, esperaríamos encontrar, entre os pesquisadores e estudantes da disciplina, um interesse profundo e duradouro na metodologia, no aperfeiçoamento dos métodos de pesquisa e na criatividade metodológica. Obviamente, isto não é o caso. Ao contrário, o uso dos métodos na ciência da religião continua sendo relativamente ingênuo e surpreendentemente uniforme. Já é hora para modificar esta situação.

Métodos

Em vista as teorias, os métodos constroem, reúnem e/ou geram os dados da pesquisa científica. Os dados não são simplesmente “ali fora,” independentes do observador e da observação. Não existem dados sem métodos e teorias. Os métodos ajudam a analisar a realidade, mas, ao mesmo tempo, eles, em parte, produzem os dados que devem ser analisados. Neste sentido, ao produzir parcialmente as realidades que ajudam a analisar, os métodos são performativos.⁴ Os métodos, e os conceitos que os informam e os descrevem, também têm uma história, que se modifica através das gerações acadêmicas.⁵

Vale a pena fazer algumas colocações óbvias:

- Alguns métodos são mais úteis do que outros (para objetivos e dentro de contextos determinados).
- Alguns métodos são mais produtivos do que outros, para um determinado tipo de pesquisa científica.
- Todos os métodos impõem perspectivas limitadas e selecionam certos materiais empíricos (dados).
- Usando um método específico, ou um método excepcional, não garante o êxito;

⁴ Law, *After Method*, p. 143.

⁵ Platt, *A History...*, pp. 44-52.

- Os métodos não são imunes à crítica.
- Os métodos científicos não são o único modo de obter o conhecimento válido (embora os métodos científicos sejam o único modo geralmente reconhecido de obter o conhecimento científico).
- Os métodos não constroem excessivamente a pesquisa. Eles fornecem espaço para a criatividade e as perspectivas novas.
- Enquanto a competência metodológica produzirá o trabalho sólido, o trabalho brilhante é muitas vezes o resultado do acaso.
- Como todos os bons instrumentos, os métodos são refinados no uso: alguns desgastam-se e são substituídos por outros; alguns são estendidos ou reorientados na luz das suas limitações, ou quando for reconhecida a ameaça da hegemonia metodológica.

Acima de tudo, precisamos ficar cientes que nem tudo pode ser planejado no uso de um método, e que nem todos os planos saem bem na prática. De fato, a pesquisa é dirigida muitas vezes mais por constrangimentos externos, pela improvisação e pela bricolagem do que por um plano geral. Porém, enquanto há sempre algum grau da improvisação, esses procedimentos ou técnicas tipicamente seguem um plano, uma rotina, ou um esquema. Esses não devem ser entendidos como leis imutáveis, mas como guias e exemplos das práticas ou padrões estabelecidos, porém dinâmicos.

Algumas questões chaves da metodologia

A aplicação e a discussão dos princípios subjacentes dos métodos constituem a metodologia. O primeiro sentido de “metodologia,” o mais técnico, incorpora várias questões: p. ex., desenho de pesquisa; relações e tensões entre métodos qualitativos e quantitativos; seleção de métodos; e meios de validar os resultados da pesquisa, inclusive o uso de métodos conjuntos.

Desenho de pesquisa

Seguem alguns dos passos básicos que constam no **desenho de pesquisa** eficaz.⁶ Esses refletem de modo simples a cronologia de um processo de desenho de pesquisa típico. Contudo, alguns desses elementos pressupõem decisões anteriores.

- identificação da principal pergunta ou problema da pesquisa e da série de perguntas específicas ou hipóteses que investigarão esta questão principal
- revisão da literatura relevante;
- escolha de uma estratégia básica (p. ex., tipo de estudo, escolha geral de métodos qualitativos, quantitativos ou mistos);
- decisão sobre o lugar da teoria (p. ex., aplicar ou testar uma teoria, ou deixar emergir conceitos e categorias durante a análise?);
- especificação dos métodos da colheita de dados e análise (p. ex., como será escolhido o caso ou a amostra, e como esta escolha se relaciona à pergunta central da pesquisa? seria útil um estudo de piloto ou um pré-teste do instrumento de colheita de dados? como serão gerenciados os dados?);
- procedimento com constrangimentos logísticos (p. ex., distribuição de recursos limitados de dinheiro, tempo, ou mão de obra);
- avaliação do valor dos resultados (p. ex., integridade e possibilidade de repetição dos resultados);
- identificação de potenciais questões e problemas éticos;
- planejamento para a disseminação (como os resultados serão apresentados?).

Métodos quantitativos e qualitativos

Um dos debates mais significantes na metodologia concerne a distinção entre os métodos quantitativos e os qualitativos. Para simplificar, os métodos quantitativos empregam a medição numérica e os qualitativos não. Os debates sobre o valor relativo destes tipos de métodos refletem posições básicas quanto ao desenho de pesquisa: os que preferem os **métodos qualitativos** muitas vezes argumentam que certas coisas simplesmente não são

⁶ Veja W.C. Roof, "Research design."

receptivas à medição; enquanto os que preferem os **métodos quantitativos** criticam a natureza subjetiva do trabalho qualitativo.

Contudo, há uma sobreposição significativa entre estes dois tipos de métodos, e a distinção até desaparece em certos casos. Na prática, os métodos quantitativos e qualitativos são combinados muitas vezes em desenhos de **pesquisa de métodos mistos**. Alguns recomendam o uso tanto dos métodos quantitativos como dos qualitativos na ciência da religião.⁷ Os métodos quantitativos são pouco populares entre os cientistas da religião, fora a sociologia da religião, e até certo ponto a psicologia da religião. Além de indicar um certo grau de preconceito, este fato revela um ponto fraco metodológico: os estudiosos de grupos religiosos muitas vezes não fornecem dados quantitativos elementares.⁸

A distinção entre esses dois tipos de métodos permanece um assunto muito vivo, mas é interpretado de maneiras diferentes. Na melhor das hipóteses, a distinção pode ser útil para distinguir tendências e perspectivas gerais quanto aos interesses e estratégias de pesquisa. Neste sentido, oferecemos umas generalizações (levando em conta que, como qualquer generalização, estas não têm uma validade absoluta):

- os métodos quantitativos focalizam mais a precisão (p. ex., perguntas fechadas ou categóricas) e os métodos qualitativos a riqueza de detalhes (p. ex., perguntas abertas);
- os métodos quantitativos buscam a generalização e os qualitativos a descrição;
- a pesquisa quantitativa é mais estruturada (p. ex., acentuando os instrumentos de recolha de dados), enquanto a pesquisa qualitativa é mais flexível (p. ex., acentuando os pontos de observação);
- os métodos quantitativos investigam as relações entre variáveis, enquanto os métodos qualitativos investigam a significação que os indivíduos e os grupos dão aos fenômenos humanos ou sociais;

⁷ T.L. Brink, “Quantitative...”

⁸ S. Pitchford, C. Bader, R. Stark “Doing field studies...”

- os métodos quantitativos mantêm uma relação mais distante aos seus objetos, enquanto os métodos qualitativos pressupõem uma relação mais interligada aos seus sujeitos;
- os métodos quantitativos produzem resultados que são receptivos à análise estatística, enquanto os métodos qualitativos usam técnicas menos formalizadas;
- os métodos quantitativos são correlacionados com formas muito estruturadas nas publicações acadêmicas (muitas vezes marcadas com sub-divisões padrões, p. ex., revisão de literatura, método(s), resultados e discussão/conclusão), enquanto os métodos qualitativos são correlacionados com uma variedade muito larga, flexível, e criativa de gêneros e estilos.

Crêterios de excelência

Existem três cr terios centrais para avaliar a qualidade dos dados de pesquisa: a confiança, a validade e generalizabilidade. Em geral, a **confiança** refere   coerência ou a estabilidade de um conjunto de dados ou da medida de um conceito. A **validade** refere   extensão a que um indicador (ou um conjunto de indicadores) reflete (ou mede) adequadamente os conceitos que foi projetado para refletir ou, alternativamente, se ele prediz adequadamente os resultados relevantes. A **generalizabilidade** (o potencial para a generaliza o) refere   aplicabilidade dos resultados além da amostra específica de um determinado estudo.

A literatura sobre a pesquisa científica distingue formas diferentes de confiança e validade, e, na pesquisa metodológica, existem métodos para determinar e aprimorar o grau de realiza o desses cr terios da excelência (pelo menos para alguns métodos). Esses conceitos levantam questões importantes para o conduto e a avalia o das pesquisas.

Quanto   confiança, poderíamos perguntar, por exemplo:

- até que ponto os resultados seriam diferentes se os dados tivessem sido recolhidos em uma data diferente, com um sub-grupo diferente, ou baseados em fontes diferentes?

- seria que dois ou mais observadores ou intérpretes teriam vindo aos mesmos, ou pelo menos semelhantes, resultados ao analisar os mesmos dados? (e seria que dois ou mais pesquisadores teriam produzido os mesmos, ou pelo menos semelhantes, dados)?

Quanto à validade, poderíamos perguntar, por exemplo:

- os dados construídos são suficientemente relevantes e específicos para o objeto de pesquisa?
- seriam ainda aceitos os resultados se fossem aplicados outros critérios teóricos relevantes?
- seria válida a análise se os dados estivessem sido recolhidos com outros métodos? (P. ex., seria igual a interpretação que resulta de uma análise de um ritual baseado em uma análise filológica das fontes textuais a uma outra oriunda da observação participante?)
- a que ponto os resultados se relacionam às vidas ordinárias de pessoas além do contexto limitado da pesquisa (“validade ecológica”)?
- a que ponto os resultados podem ser generalizados além dos contextos sociais pesquisados (“validade externa”)?

Quanto à generalizabilidade, poderíamos perguntar, por exemplo:

- seria o caso (ou a amostra) escolhido suficientemente representativa, típica ou exemplar? isto é, seria que os resultados provavelmente aplicarão a outros grupos relevantes?
- o caso analisado baterá até que ponto, e de que maneira, com outros casos semelhantes?
- até que ponto a análise seria relevante para questões mais abrangentes na ciência da religião (sejam estas sistemáticas ou teóricas)?

- qual grau de generalizabilidade seria apropriado ou desejável (da amostra à população, ou mesmo a populações semelhantes)? Ou seria a pesquisa um micro-estudo que analisa somente um determinado caso?

Obviamente, todas estas perguntas são pertinentes para a ciência da religião.

Os estudiosos sugerem várias estratégias para vigiar a validade das pesquisas. Nos estudos mais típicos, uma forma básica da validação é a comunicação científica, por exemplo apresentação em congressos e publicação em revistas que utilizam a revisão por pares (*peer review*). Uma outra estratégia é a validação por respondentes (ou por membros): a apresentação dos resultados aos sujeitos da pesquisa. Esta estratégia (que pode ser praticado de várias formas e se limita ao estudo de grupos atuais) pode ser usado como um modo de corroborar os resultados de pesquisa, como um novo passo na coleção e na análise de dados, e/ou como um modo de realçar reflexões sobre o próprio processo de pesquisa. Este processo pode ser às vezes não intencional, p. ex., quando os informantes implicitamente confirmam uma interpretação ao rejeitá-la. Enquanto esta estratégia pode evitar erros e gerar novos discernimentos, a corroboração pelos sujeitos não é suficiente para validar a pesquisa. Os sujeitos podem não entender a terminologia e o modo do discurso acadêmicos e podem não ter o tempo para ler textos longos e argumentos complexos.

Uma outra estratégia importante para validar uma pesquisa é a **triangulação**. Esta é o uso de mais de um método ou mais de uma fonte (ou tipo) de materiais empíricos em um estudo. Portanto, a triangulação é considerada muitas vezes como uma parte essencial da pesquisa de métodos mistos. A metáfora do triângulo aponta para a multiplicidade de perspectivas em termos de métodos e dados. Em discussões mais recentes da pesquisa qualitativa, alguns preferem a metáfora do cristal. Esta, com a sua ênfase na ótica da pesquisa, salienta a centralidade dos modos de apresentação escrita como sendo, em si, formas de interrogação: os textos de gênero variado são mais comuns na pesquisa qualitativa recente (p. ex., a combinação de elementos da ficção, autobiografia ou notas de campo com os elementos mais tradicionais da prosa científica).⁹ Além do uso de diferentes métodos e dados, o conceito de triangulação refere também à presença na

⁹ N.K. Denzin, Y.S. Lincoln, (orgs.) *The SAGE Handbook*, pp. 5-6.

pesquisa de mais de um pesquisador e/ou teoria. Mesmo se a triangulação de grande escala não seja praticável para a maior parte de projetos de pesquisa na ciências da religião, que são tipicamente conduzidos por um investigador com tempo e recursos estritamente limitados, alguns elementos da triangulação podem ser úteis também para pequenos projetos.

Os conceitos da confiança, da validade e da generalizabilidade apontam a necessidade de refletir sobre a qualidade da pesquisa científica. Porém, estes conceitos foram criticados nas últimas décadas por causa da sua associação implícita às visões positivistas da ciência e da metodologia. Consequentemente, outras visões da ciência invocam outros critérios para avaliar a pesquisa. As visões construtivistas, por exemplo, apontam para a credibilidade, a autenticidade, e a potencial para a confirmação e a transferência dos resultados da pesquisa.¹⁰ No caso de um estudo ideologicamente engajado, os resultados podem ser validados de uma maneira catalítica, isto é, se o estudo de fato ajudar as pessoas estudadas a melhorarem a sua situação. Os proponentes das teorias étnicas, feministas ou queer apontam para conceitos como a responsabilidade, o respeito, o diálogo, ou a reflexividade como critérios da qualidade da pesquisa.¹¹ Algumas pensadores feministas, por exemplo, sugerem que “validade” e outros conceitos relacionados tendem a ser interpretados em termos universais e hegemônicos, sem reconhecer a natureza situada e co-construída do conhecimento e da verdade.

Dados, teorias e métodos

Isto nos conduz ao segundo sentido da metodologia, o mais “filosófico.” Este é intimamente vinculado a discussões técnicas na filosofia de ciência e na epistemologia.¹² A metodologia nos força a fazer perguntas difíceis sobre os nossos processos de pesquisa. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que não há nenhuma correspondência nítida entre determinadas posições epistemológicas e posições metodológicas.¹³

¹⁰ E.G. Guba, Y.S. Lincoln, "Competing paradigms..."; C.F. Auerbach, L.B. Silverstein, *Qualitative Data*.

¹¹ N.K. Denzin, Y.S. Lincoln, (orgs.) *The SAGE Handbook*, p. 24.

¹² Veja o capítulo de E.R. Cruz neste volume.

¹³ Platt, *A History...*, pp. 110-111.

Uma lição fundamental da vertente filosófica da metodologia é que os dados e a teoria estão estreitamente relacionados. Assim, o papel do método é de mediar entre a teoria e os dados. De fato, a epistemologia pós-positivista (p. ex., Quine) põe em dúvida a distinção entre sintético e analítico, e portanto entre observacional e teórico. A crítica de Donald Davidson da distinção entre esquema e conteúdo tem implicações semelhantes. Na luz destas críticas, a distinção entre os dados e a teoria se torna relativa.¹⁴ Os estudiosos qualitativos muitas vezes preferem o termo “materiais empíricos” a “dados,” rejeitando o legado positivista deste último conceito. Preferimos “dados,” em geral, reconhecendo que a paisagem metodológica e teórica atual manifesta várias posições sobre este conceito.

O termo tradicional, "dados," ajuda a esclarecer a frase, tantas vezes citada, de Jonathan Z. Smith: "*there is no data for religion.*"¹⁵ De certo modo, Smith nos lembra a rejeição do positivismo lógico. Como Charles Taylor observa, o positivismo do início do século vinte tentou definir a significação em termos da verificação. Assim, o positivismo distinguiu entre dados interpretados e “dados brutos”: “a verificação deve ser fundada fundamentalmente na aquisição de dados brutos ... [isto é,] dados cuja validade não pode ser interrogada por uma outra interpretação ou leitura.”¹⁶ Porém, esta distinção foi rejeitada pelos críticos filosóficos, pelo fato deste conceito de dados básicos do conhecimento, além da investigação, resultar em uma espécie de ceticismo radical. Se lermos “dados” como “dados brutos,” a afirmação de Smith seria enganosa, sendo que ela reforçaria a natureza especial da “religião” no ato de tentar abalá-lo. Isto é, ao observar que não existem dados brutos, Smith simplesmente repete uma lição bem conhecida da filosofia de ciência pós-positivista. Contudo, ao falar de “dados para a religião,” ele sugere que há algo especial no caso religioso. Dois pontos distintos aparecem aqui. Primeiro, não existem dados brutos em caso algum, tanto para a religião quanto para qualquer outra esfera. Segundo, não existem dados especificamente religiosos, a religiosidade de quais existe independentemente das nossas operações acadêmicas. Mais uma vez, a “religião” não é especial. Concedido que todos os dados são interpretados

¹⁴ S. Engler, "Grounded Theory," pp. 262-267.

¹⁵ “Não há nenhum dado para a [o estudo da] religião” (J.Z. Smith, *Imagining Religion*, p. xi, ênfase original). Para as questões epistemológicas e semânticas associadas com a metáfora relacionada de território/mapa na ciência da religião ver M.Q. Gardiner, S. Engler, "Charting...."

¹⁶ C. Taylor, "Interpretation....," p. 8.

(não somente interpretáveis), a famosa frase de Smith aponta a presença necessária da interpretação em todos os casos onde a teoria tem um papel significativo, e não somente na ciência da religião. Não há nenhum fato essencialmente religioso no mesmo sentido que não há nenhum fato essencialmente econômico ou essencialmente político: “religioso,” “econômico” e “político” são termos que estudiosos (mas não só os estudiosos) usam para delimitar um conjunto de fenômenos de interesse. É óbvio que existem dados para a religião, isto é, fenômenos que vieram a ser classificados como “religiosos” pelo trabalho conceptual/teórico dos cientistas da religião, entre outros. De fato, uma vez que nos distinguimos entre “fatos” ali fora e independentes da observação (que não existem) e “dados” observados ou recolhidos (sendo tudo que temos para estudar), o ditado de Smith efetivamente diz o contrário do que parece dizer: de fato, *para a religião, não há nada senão dados*. Isto é, os materiais empíricos que servem de “dados” na comunicação científica ou acadêmica na ciência da religião são construídos, reunidos ou produzidos por métodos aceitos como científicos, a qualidade de quais foi avaliada usando alguns entre os critérios acima mencionados. Aqui vemos claramente o papel mediador dos métodos.

A teoria desempenha um papel diferente em desenhos de pesquisa diferentes, e isto influencia o papel dos métodos. Podemos distinguir, de uma maneira simples, entre modelos diferentes ao longo de um espectro contínuo da práxis acadêmica. Em um ponto extremo fica o modelo de provar as teorias (o método científico) e, no outro, o modelo da teoria emergente (teoria fundada, *grounded theory*). No método científico, “teoria” refere a um conjunto de afirmações (axiomas, hipóteses e resultados experimentais), que está sendo constantemente testado e revisado pela verificação e a falsificação empírica. Os experimentos são o método clássico deste tipo de interrogação, enquanto as sondagens e outros métodos quantitativos têm uma função análoga nas ciências sociais.¹⁷ A teoria fundada é um modelo da prática acadêmica que não usa dados para testar uma teoria: constrói conceitos, categorias e, enfim, as teorias na base de uma interação dinâmica entre a coleção e a análise de dados.¹⁸

¹⁷ J. Barrett, “Experiments”; J. Navarro-Rivera, B.A. Kosmin, “Surveys and Questionnaires.”

¹⁸ S. Engler, “Grounded Theory....”

O papel da teoria varia muito no espectro entre esses dois modelos extremos. Na ciência da religião, muitos projetos selecionam os seus materiais empíricos ou casos não devido a alguma questão teórica ou problema fundamental, mas porque o estudante ou estudioso se interesse por algum fenômeno específico. Dirigido pelo interesse, o pesquisador enquadra o assunto como um tópico digno da atenção acadêmica. Em tais casos, é comum que a relevância teórica do caso é projetada no caso *a posteriori*, talvez na base de uma primeira análise tentativa, e, depois, uma ou outra perspectiva teórica é aplicada. A receita seria o seguinte: escolhe um caso; escolhe uma teoria; acrescente a retórica e mistura.

Isto, contudo, é problemático tanto com respeito à teoria quanto com respeito aos métodos. Se pressupusermos que os dados simplesmente estão “ali fora”--come se fossem os insetos procurados por um entomologista--neste caso a escolha de uma teoria e um método seria trivial, como escolher uma rede e aprender a manejá-lo. O caso é muito diferente quando reconhecemos que a interação complexa entre teoria, métodos e dados não só forma a nossa coletânea de insetos, mas desempenha um papel básico (i) na escolha inicial de procurar por essas determinadas coisas, (ii) na construção das categorias que enquadram esses “objetos” (p. ex., “espécie,” “inseto,” “borboleta,” “asa”) e (iii) na orientação de cada passo da nossa pesquisa.

Além de ser um resultado de análise (ou um conjunto de afirmações a serem testadas) a teoria está presente no processo de pesquisa em várias maneiras e em níveis distintos. De um lado, o conhecimento científico muitas vezes se desenvolve dentro de horizontes teóricos gerais, macro-teorias, ou Narrativas Grandes. Quase todos os fatos religiosos deste século e do passado, por exemplo, são interpretados reflexivamente como sintomas da “modernidade” ou da “pós-modernidade” e muitas vezes são vinculados à teoria relacionado da secularização (ou as suas alternativas como re-sacralização). Esses horizontes são meta-teóricos porque eles podem ser explorados usando várias vertentes teóricas (teoria crítica, pós-estruturalismo, teoria de sistemas, etc.). Estes últimos formam um nível distinto da teoria. Tais teorias fornecem um vocabulário teórico para o pesquisador, tornando possível a combinação de termos com vários legados teóricos nas suas re-descrições de materiais empíricos.

Os vocabulários descritivos são ainda outro nível de teoria. Os cientistas da religião compartilham uma grande parte do seu vocabulário conceitual com o mundo não-acadêmico (começando com a própria categoria da "religião"). Porém, a comunicação acadêmica necessita uma forma específica de articulação, caracterizada por uma aproximação reflexiva ao nosso vocabulário e às suas dimensões definicionais e teóricas. O termo "ritual," por exemplo, é muito comum no discurso público, mas ao mesmo tempo é sujeito a toda uma literatura da teorização acadêmica, e uma marca da pesquisa acadêmica e a utilização desta última.¹⁹

Ao analisar os casos empíricos, este compromisso crítico com um vocabulário teórico, dentro de um determinado horizonte teórico, é um desafio metodológico. Serve de uma espécie de tradução recíproca entre os dados e a teoria. Os conceitos e as categorias precisam ser operacionalizados, isto é, definidos e relacionados de uma maneira que facilita o trabalho da análise. E, neste processo de análise, os casos, a teoria e os dados se infiltram, não podendo ser mais separados um do outro (se é que eles alguma vez fossem separáveis). Portanto, e naturalmente, os conceitos diferentes de "religião" e as teorias diferentes da religião exercem uma grande influência sobre os tipos de dados e de métodos que se considera legítimos na ciência da religião.

É pelos métodos que os dados e a teoria comunicam um ao outro e chegam a compartilhar um horizonte interpretativo e/ou explanatório. A falta de reconhecimento deste papel mediador dos métodos, deste gerenciamento da interação complexa entre os materiais empíricos e a teoria, talvez seja uma outra razão da negligência da metodologia na ciência da religião. Afinal de contas, a seleção de métodos de pesquisa apropriados é a questão central da metodologia, uma decisão complexa que todos os pesquisadores terão de enfrentar.

Bibliografia

Ahlbäck, T. (org.) 1999. *Approaching religion / based on papers read at the Symposium on Methodology in the Study of Religions held at Åbo, Finland, on the 4th-7th August*

¹⁹ J. Kreinath, J. Snoek, M. Stausberg (orgs.) *Theorizing Rituals. Vol. 1; Vol. 2.*

1997. 2 volumes. Donner Institute for Research in Religious and Cultural History / Almqvist & Wiksell International, Åbo.
- Andrade, M.M. 2010. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 10^a ed. Editora Atlas, São Paulo.
- Auerbach, C.F., Silverstein, L.B., 2003. *Qualitative Data: an introduction to coding and analysis*. New York University Press, New York, London.
- Barrett, J. 2011. "Experiments." In: Michael S., Engler, S. (orgs), *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*. Routledge, London and New York, 161-177.
- Bauer, M.W., Gaskell. G. (orgs.) 2005 [2000]. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 9^a ed. Vozes, São Paulo.
- Bernard, H.R. 2006. *Research Methods in Anthropology: qualitative and quantitative approaches*. 4^a ed. AltaMira Press, Lanham, MD.
- Brink, T.L., 1995. "Quantitative and/or qualitative methods in the scientific study of religion." *Zygon* 30(3), 461-475.
- Bryman, A. 2008. *Social Research Methods*. 3^a ed. Oxford University Press, Oxford, New York.
- Coutinho, M.T., Cunha, S.E. 2004. *Os caminhos da pesquisa em ciencias humanas*. Editora PUC Minas, Belo Horizonte.
- Creswell, J.W. 2009. *Research Design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. 3^a ed. SAGE, London, Thousand Oaks, CA.
- Denzin, N.K., Lincoln, Y.S. (orgs.) 2005. *The SAGE Handbook of Qualitative Research*. 3^a ed. Sage, Thousand Oaks, CA.
- Denzin, N.K., Lincoln, Y.S., Smith, L.T. (orgs.) 2008. *Handbook of Critical and Indigenous Methodologies*. SAGE, London, Thousand Oaks, CA.
- Engler, S. 2011. "Grounded Theory." In: Michael S., Engler, S. (orgs), *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*. Routledge, London and New York, 256-274.
- Flick, U. 2009. *Etnografia e observação participante*. Artmed, São Paulo.
- Freitas, M.T.A. 2010. *Fazer pesquisa na abordagem historico-cultural*. Editora UFJF, Rio de Janeiro.

- Gardiner, M.Q., Engler, S. 2010. "Charting the Map Metaphor in Theories of Religion." *Religion* 40/1: 1-13.
- Guba, E.G., Lincoln, Y.S., 1994. "Competing paradigms in qualitative research." In: Denzin, N.K., Lincoln, Y.S. (orgs.), *Handbook of Qualitative Research*. SAGE, London, Thousand Oaks, CA, pp. 105-117.
- Hultkrantz, Å., 1973. *Metodvägar inom den jämförande religionsforskning*. Esselte Studium, Stockholm.
- Knoblauch, H. 2003. *Qualitative Religionsforschung. Religionsethnographie in der eigenen Gesellschaft*. Schöningh, Paderborn, München, Wien, Zürich.
- Kraft, S.-E., Natvig, R.J. (orgs.) 2006. *Metode i religionsvitenskap*. Pax, Oslo.
- Law, J. 2004. *After Method: mess in social science research*. Routledge, London, New York.
- Kreinath, J., Snoek, J., Stausberg, M. (orgs.), 2006, *Theorizing Rituals. Vol. 1: Issues, Topics, Approaches, Concepts*. Brill, Leiden, Boston.
- Kreinath, J., Snoek, J., Stausberg, M., 2007. *Theorizing Rituals. Vol. 2: Annotated Bibliography of Ritual Theory, 1966-2005*. Brill, Leiden, Boston.
- Navarro-Rivera, J., Kosmin, B.A. 2011. "Surveys and Questionnaires." In: Michael S., Engler, S. (orgs), *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*. Routledge, London and New York, 395-420.
- Pinard de la Boullaye, H., 1925. *L'étude comparée des religions: Essay critique*. II. *Ses méthodes*. G. Beauchesne, Paris.
- Pitchford, S., Bader, C., Stark, R., 2001. "Doing field studies of religious movements: an agenda." *Journal for the Scientific Study of Religion* 40 (3), 379-392.
- Platt, J. 1999. *A History of Sociological Research Methods in America, 1920-1960*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Roof, W.C. 2011. "Research Design." In: Stausberg, M., Engler, S. (orgs.), *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*. Routledge, London and New York, 68-81.
- Sharma, A. (org.) 2002. *Methodology in Religious Studies: the interface with women's studies*. State University of New York Press, New York.

- Silverman, D. 2007. *A Very Short, Fairly Interesting and Reasonably Cheap Book about Qualitative Research*. SAGE, London, Thousand Oaks, CA.
- Smith, J.Z. 1982. *Imagining Religion: From Babylon to Jonestown*. University of Chicago Press, Chicago.
- Sørensen, J.P. 2006. *Religionshistoriens kilder. En lille metodelære*. Books on Demand, København.
- Stausberg, M., Engler. S. 2011. "Introduction." In: Stausberg, M., Engler. S. (orgs.), *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*. Routledge, London and New York, 3-20.
- Stausberg, M., Engler. S. (orgs.), 2011. *The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion*. Routledge, London and New York.
- Svensson, J., Arvidsson, S. (orgs.), 2010. *Människor och makter: en introduktion till religionsvetenskap*. 2nd ed. Högskolan i Halmstad, Halmstad.
- Taylor, C. 1971. "Interpretation and the sciences of man." *The Review of Metaphysics* 25(1): 3-51.